

Este material foi adaptado pelo Núcleo de Acessibilidade Informacional do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia, em conformidade com a Lei 9.610 de 19/02/1998, Capítulo IV, Artigo 46. Permitindo o uso apenas para fins educacionais de pessoas com deficiência visual. Não podendo ser reproduzido, modificado e utilizado com fins comerciais.

Revisado por: Nelijane Campos.

Salvador, 01/09/2022

VIANA, Antonio Carlos. Duas coxinhas e um guaraná.  
In. \_\_\_\_ **Cine privé**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 16 – 22.

**Duas coxinhas e um guaraná**

Quando senti que minhas mãos fugiam ao meu controle, deixei que elas fossem até o fim. Quando terminei, minha mãe estava caída, a cabeça para trás, e seus olhos já não eram azuis. Eu não sabia que as lentes deixam de fazer efeito assim que a pessoa morre. Fui até a cozinha tomar um copo d'água. Não pensava em me desfazer do corpo, jogá-lo lá do alto e fingir um suicídio ou queda acidental. Antes de sair, desliguei a televisão, puxei a saia dela para cobrir as coxas riscadas de varizes, não queria que a polícia encontrasse minha mãe assim, toda descomposta. Ao passar pela sala, dei uma olhada no espelho grande pregado perto da porta. Ela gostava de se olhar o dia inteiro, na juventude tinha sido muito bonita. Agora se olhava menos, depois da plástica que a tinha deixado com a boca bombada. Minha mãe se acabou cedo, acho que de tanto beber e fumar.

Ajeitei meus cabelos com a mão mesmo, no rosto não vi nada que me denunciasse. Desci as

escadas calmamente, evitei o elevador para não fazer barulho, o prédio todo dormia.

Página 16

Ao passar pelo porteiro, entreguei a chave, disse que não sabia se voltava antes da diarista. Ele ainda puxou papo comigo, na certa queria saber aonde eu ia àquela hora. Pensei em meu ex-padrasto, só ele podia me dar cobertura, sempre fomos muito amigos. Meu pai é que é meu inimigo, nunca nos topamos. Sempre que se encontrava comigo era para reclamar que eu já estava bem grandinho, sem um tostão de meu, vivia depenando minha mãe e ela gostava disso, "eu sabia?". "Ela pensa que assim me tem na mão", falei. Ele disse que ela sempre foi muito mandona e que, se pudesse, teria o mundo inteiro a seus pés. No Último encontro que tivemos, ele me advertiu: "Cuidado! Se eu tivesse ficado com ela, estaria hoje na cadeia.

Ela desperta em nos instintos assassinos". Nunca liguei para as palavras de meu pai, não ia ser agora.

Depois de trocar uns leros com o porteiro, as brincadeiras de sempre com o time dele, que não parava de cair, desci a avenida. Ele ainda disse: "Cuidado com os assaltantes, a cidade está cada dia mais violenta". A violência estava ali, diante dele, e ele nem desconfiava. Sufocar a mãe não estava nos planos de ninguém, nem o pior bandido pensa que um dia isso possa acontecer. Eu andava precisado de uma garota, tinha combinado tudo pela internet, não dava para envelhecer diante de bocetas abertas só na telinha. De vez em quando, batia saudade de uma ao vivo e aí eu só faltava pirar. Minha mãe gritou que se eu quisesse foder pago que fosse trabalhar. "Trabalhar como, se você nunca deixou?", respondi. Ela ficou uma fera, estava de cara cheia, como sempre. A bebida a deixava ainda mais insuportável. Avancei para a bolsa em cima da cama e foi nessa hora que ela se colocou no meio do caminho, as pernas moles, a voz

alterada, cheia das porras e dos caralhos de sempre. Não tinha outro jeito senão apertar o pescoço dela, só pra assustar, mas de repente descobri que era

Página 17

tão bom apertar o pescoço de alguém, os ossos tão molinhos, a cabeça caindo para trás, bem levemente. Resolvi ir até onde meu coração mandasse. Quando a vi desfalecida, abri a bolsa e contei o dinheiro. Mal dava para um boquete. Não sei onde ela botava o dinheiro da aposentadoria, pois não confiava em banco. Tirava tudo e deixava em casa para ir gastando aos pouquinhos. Ficou assim depois do Plano Collor.

Desci a longa avenida cheia de árvores, ia caminhar um pouco, pensar na vida, agora sem mãe que me sustentasse. Um dos consolos da minha cidade é ter árvores. Eram três da manhã, começava a esfriar bastante. Era maio, o mês das noivas. As vitrines estavam cheias de vestidos brancos e

grinaldas de todos os tipos. Fiquei apreciando aquele mundo branco de tão puro, embora hoje em dia fosse difícil encontrar uma moça digna de tanta pureza. Nunca me vi entrando numa igreja com uma mulher vestida daquele jeito, feliz porque ia se casar comigo. Muito menos eu de braço dado com minha mãe. Um ou outro vulto ao longe, nenhum mendigo. No cruzamento da minha avenida com a periférica, os carros nunca dão descanso, seja a hora que for. Esperei um tempão para atravessar.

A coisa que eu mais odiava em minha mãe era aquela mania de soltar a grana as cagadinhas, coisa de humilhar. Hoje dez, amanhã vinte, uma vez chegou a me dar só umas moedinhas, me fazendo de mendigo mesmo. Nunca me dava uma bolada, cem ou duzentos de uma vez. Abrir conta conjunta, nem pensar. Nunca teve confiança em mim. Dizia que eu ia gastar com as putas e, quando ela se desse conta, já estaria no especial. Aí perguntava: "Você sabe quanto é o juro do especial?". Sabia nada, sabia lá porra nenhuma! Passava o dia inteiro trancado em

meu quarto, respondia um ou outro e-mail, visitava os blogs mais picantes, mas do que gosto mesmo é

Página 18

visitar site pornô. Arquivo as melhores mulheres, as pernas escancaradas, eu só faltava enlouquecer.

Quando eu saía do quarto, ela estava na sala retinindo o

gelo no copo, os cabelos esfarinhados, cor de cobre, domados

por uma fita preta. Vivia com fones no ouvido só pra dizer que era moderninha, que estava plugada nos novos tempos, mas se você perguntasse a ela o nome de um cantor, mal chegava a James Brown. Na certa estava ouvindo os Beatles, aquela melequeira de "Yesterday", sempre de olhos fechados, balançando a cabeça devagarinho. Devia ser o fundo musical de suas transas na juventude. Ela nunca escondeu que gostava da coisa. Agora não mais, dizia que estava aposentada de tudo.

Assim que me via, tirava os fones dos ouvidos, dava um risinho de banda e perguntava se eu tinha pesquisado muito. Pesquisado o quê, se larguei os estudos pela metade, numa faculdade vagabunda? Eu fazia turismo ao pé da letra. Só terminei mesmo o curso de informática, mas quando fui trabalhar ganhava uma merreca tão merreca que ela disse que, se fosse por aquilo, ela podia me bancar, e eu fui na dela. Passar o dia inteiro num escritório não era mesmo a minha.

Os carros deram uma trégua. Fui caminhando mais sozinho do que nunca. Nem um passante na rua. Minha mãe não queria que eu tivesse amigos. Amigas, nem falar, todas umas viciadas, umas vadias que só querem comer o dinheiro dos homens e que ela não estava a fim de sustentar minhas namoradas, bastava o perfume que eu tinha dado para uma delas, em seis vezes no cartão. Essa logo me chutou e casou com o primeiro que apareceu. Viu logo que eu não tinha futuro. Minha mãe nunca perdoou aquele gasto inútil e vivia me jogando na cara que eu tinha

comprado perfume pra outro cheirar. Que, dali em diante, eu pensasse duas vezes antes de fazer dívida pra segurar namorada.

Página 19

E ainda dizia que mulher não gosta de homem duro. "Pode até ter boa pica, mas se não tiver dinheiro não fica", ela dizia, com aquela gargalhada de derreter os nervos de qualquer um. Me tomou o cartão e, se eu quisesse parcelar alguma coisa, tinha de pedir o dela. Claro que nunca mais pedi. Humilhação tem limite. Ela dizia que a única satisfação que eu lhe dava era nunca ter caído nas drogas. Não gosto de fumaça. Bastava a fumaceira que ela fazia com seus dois maços por dia. Ela pensava que eu não sabia dos tempos de baseado dela, com uma hippaiada muito doida. Quem me contou foi meu pai.

Entrei no primeiro bar aberto. Não sou de beber álcool, só refrigerante, tomo um copo atrás do outro, e não pode ser light. Até com isso minha mãe implicava. "Desse jeito, seu açúcar vai pra casa do

caralho", ela dizia com aquele jeito desbocado de falar, outra coisa que eu odiava nela. Não gosto de mulher falando palavrão. Os caralhos e as porras escorriam de sua boca como saliva. Eu estava pouco ligando pra glicemia e adjacências. Que todas as taxas me fodessem logo, só assim eu teria descanso. Quando estendi as mãos sobre o balcão, notei que ela havia enterrado com gosto a unha entre o indicador e o dedo médio da minha mão esquerda. Fizera um bom estrago, a velha. O sangue estava coagulado. Peguei um guardanapo de papel e limpei. O garçom viu o ferimento e, sem ele perguntar nada, eu disse que nunca tive jeito pra trocar pneu, sempre me machucava na chave de boca. Quando o crime fosse notícia, na certa ele iria depor contra mim e se lembrar do sangue entre meus dedos. Que eu tinha chegado tal hora, me sentado, tinha falado na tal chave de boca etc. e tal. Aqueles detalhes que deixam a polícia gozando nas calças. Escondi a mão pra ele esquecer que eu estava ferido e pedi duas coxinhas e um guaraná, uma fome danada.

Nunca pensei que matar desse tanta fome. Achei que ele estava meio cabreiro comigo, me olhando de banda. Fui ao banheiro ver se tinha algum arranhão no rosto ou no pescoço. O espelho estava tão velho que mal enxerguei meus olhos e o cabelo escorrido até os ombros. Odeio cortar o cabelo. Achei que meus olhos demonstravam tristeza. Mas, como sempre fui muito triste, deixei pra lá. Lavei a cara e enxuguei com um papel higiênico que só faltou me lanhar todo. Banheiro podre, como o de todo bar.

Quando voltei, as coxinhas já estavam no prato e a latinha de guaraná suava. Abri com aquele ploc que sempre me dá alegria, coisa de aniversário de criança, quando eu tinha festinha e tudo. Perguntei se as coxinhas eram frescas e ele disse que a coxinha dali era famosa e o estoque era renovado a toda hora. "Mesmo de madrugada?", perguntei. Nem dei atenção a resposta dele, eu estava com muita fome. Achei que ele estava

mais amistoso, embora continuasse olhando pra mim enquanto lavava os copos. Tinha a voz um pouco adocicada. Vai ver achava que eu estava caçando. Tenho um bom físico; aliás, é a única coisa que cultivo, o físico. Devorei tudo num segundo. O guaraná desceu luminoso, abrindo uma clareira refrescante em meu peito. Fiquei pensando se devia voltar logo pra casa ou espairer um pouco pelas ruas mais próximas. Engraçado que agora eu não sentia um pingo de medo de nada, era como se tivesse atingido a maioria em tudo. Imaginava o parapapá do edifício quando descobrissem o corpo. Seria Ângela, a diarista, que ia dar o berro. Escandalosa como era, ia acordar o prédio inteiro. No começo, todo mundo ia se perguntar quem tinha matado a dona Ranildes, até descobrirem que fui eu. O porteiro seria testemunha de acusação, mesmo sendo meu brother de longa data. Ia dizer que tinha me visto sair de madrugada e não tinha notado nenhuma mudança

em mim, que eu estava calmo como sempre, que trocamos as mesmas brincadeiras, e por ai vai. Não sei por que todo mundo acha que quem mata alguém tem de ficar nervoso. A gente só fica nervoso na hora. Depois é muita paz, e você também acha que deu paz ao outro, que não vai sofrer mais na vida.

Paguei a conta com o último dinheiro arrecadado. Agora eu ia ter de me virar. Quem ia gostar era meu pai. Quando queria me dar lição de moral, dizia que começou a trabalhar com treze anos, como se isso fosse me fazer voltar ao mundo do trabalho. Dei boa-noite ao garçom. Ainda brinquei: "Boa manhã". Ele me sorriu. Achei que não ia depor contra mim, eu não tinha lhe feito nada, fui respeitoso com ele. Deixei uma gorjeta, ele merecia, trabalhar a noite inteira não é mole. Aliás, trabalhar não deve ser mole, seja a hora que for.

Agora, era eu comigo mesmo. Peguei a paralela sul, direção da casa de meu ex-padrasto. Ele é um cara legal que minha mãe arrumou não sei como, porque, perto dela, ficava dez andares acima. Não esquentou muito, não dava pra- esquentar muito com minha mãe, acho que durou uns três anos, porque aguentar aquela mulher só eu mesmo. Ele foi a única pessoa que me fez ler na vida. Nele eu confio e sei que vai me entender. Os advogados que vai arrumar pra me defender vão saber me tirar dessa numa boa. Tenho minhas atenuantes. Só espero que o garçom não se faça de engraçadinho. Sei que ele vai se lembrar do sangue entre meus dedos, mas basta dizer que devorei com gosto duas coxinhas e um guaraná pra foder de vez com a minha vida.